



APRESENTAÇÃO

Nuntius Antiquus v. 15, n. 1, 2019

Dossiê “Ensaio sobre 6 + 1 Musas”

Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais/Brasil
ceciliamiranda@ufmg.br

Musas, nove no total, alternando-se com bela voz,
cantavam o treno; lá não verias, sem lágrima, nenhum
argivo: de tal forma ressoou a música aguda.
(*Odisseia*, 24, 60-62, tradução de Christian Werner)

Os versos acima citados estão no último canto do poema épico de Homero dedicado a Odisseu, no momento em que é lembrado o funeral de Aquiles e como o herói foi pranteado por dezessete dias, nos quais as Musas estiveram presentes, lamentando tudo que se havia perdido. Aqui outra emoção que não a cólera – que o poeta cantara, com inspiração solicitada à Musa, no primeiro verso da *Iliada* – é sugerida para os ouvintes. Deixando a esfera da literatura para a da penosa realidade brasileira, temos tido também muito que prantear e com que nos encolerizar nesses últimos tempos tão desditosos, com tantas e tamanhas perdas, em particular no campo das artes e cultura. Infelizmente, os versos de Carlos Drummond de Andrade no poema “*Áporo*”: “Que fazer exausto, em país bloqueado, enlace de noite, raiz e minério?” parecem

tão apropriados agora como quando foram publicados, em a *Rosa do Povo*, nos anos quarenta, na ditadura de Vargas. Publica-se esse dossiê em um momento em que a falta de vozes melífluas e gestos delicados é um sintoma de um tempo de chacais, como diria o Príncipe de Lampedusa/Visconti, em *O Leopardo*. No momento em que estes textos foram germinados, em 2017, a situação acadêmica não era tão desesperadora como é agora, mas já se arquitetavam os planos sombrios que agora se realizam, no campo das artes e da política em geral.

Naquele momento (fim do primeiro ano do governo Temer) ocorreu-nos invocar as Musas, supondo que, se a “lenda se escorre a entrar na realidade” (de novo, mais poesia, agora de Fernando Pessoa, em “Ulisses”), falar dessas belas e antigas divindades e de suas artes poderia ser, mais que alento, um fator na reconstrução de desejos e projetos pedagógicos compartilhados como professores/as em luto/a, a fim de preservar a memória do que chamamos a tradição grega – e só lá, tanto quanto saibamos, da antiguidade, houve Musas. Ainda que essa tentativa ocorresse em um âmbito bastante limitado, buscar o espaço de um Museu para repensar o significado das filhas da Memória (*Mnemosýne*), como patronas das artes e ciências, pareceu um ato de resistência e de contribuição para entender aspectos da vida humana tão necessários de ser contemplados, a nosso ver, e tão relegados ao plano das “superfluidades”.

Destarte, os artigos apresentados, aqui, foram redigidos a partir das palestras apresentadas ao longo de 10 semanas em um curso livre aberto ao público intitulado “9+2 Musas para um Museu”, promovido, em Belo Horizonte, como atividade de extensão oferecida pelo Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais, com apoio do Museu Mineiro, em cujo auditório as palestras foram realizadas, no segundo semestre de 2017. Entre os objetivos mais específicos, um deles era o de conhecermos melhor e analisarmos as artes com as quais as Musas estavam associadas na antiguidade, discutindo em que medida certos termos relativos às esferas de conhecimento abarcadas por elas deram lugar a novos conceitos (o de astronomia é o que mais chama a atenção, nessa ressignificação de sentido), bem como o estado

atual dessas artes. Além disso, propunha-se analisar a ligação dessas personagens com os museus na modernidade e sua utilização como espaços educativos.

Em relação ao título do curso, por ser algo insólito, é necessária uma breve explicação. Mesmo que na antiguidade a existência de nove Musas não tivesse sido algo pacífico, tradicionalmente falamos sempre de nove divindades. Embora Platão já tivesse chamado Safo a décima Musa, e o termo tivesse sido retomado para falar de outra poeta, Sor Inés de la Cruz,¹ ou mesmo do cinema, nomear essa décima chamando-a de Apolónia é ousadia que se permite apenas nessas terras antropofágicas,² bem como incluir mais uma, a décima primeira, da Filosofia – essa tendo ficado sem nome próprio. Explicando melhor o neologismo para a décima Musa, que é a da sétima arte – o cinema³ –, ele se dá em referência a Apolo, deus da luz (nos sentidos literal e metafórico). A décima primeira, da Filosofia, sobre a qual não se falou ou escreveu, possuía, na proposta do curso, uma função (platonizante) de articular o diálogo entre as outras dez (formando um time de 11 membros, mas que joga apenas consigo mesmo). Sem se destacar como uma figura gerindo uma esfera determinada em um campo de conhecimento específico, o papel da filosofia, mimetizando o processo de racionalização do conhecimento a partir dos séculos V a.C., com a hegemonia da tríade Sócrates-Platão-Aristóteles, seria de articular e promover o diálogo entre

¹ No caso de Platão, conferir *Antologia Palatina* 9.506; no de Sor Inés de la Cruz, foi por ocasião da publicação de suas obras em Madrid, em 1700, que o editor, Don Juan Ignacio de Castoreua y Ursua, assim a denominou.

² Lotte Reiniger chamou-a de *Cinoterpe*. Ver Laura Marcus, *The Tenth Muse – Writing about Cinema in the Modernist Period*. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. XIV.

³ Ver Laura Marcus, que na primeira epígrafe de seu livro já mencionado cita Robert Sherwood referindo-se ao cinema como “a décima Musa”, e, na última, cita Hanns Sachs, que falando da missão e natureza do cinema, também usa a mesma expressão: “They [movies] use quite legitimately the results of other, older forms of art, especially of the epic and dramatic kind. We may compare them to those plants which are not able to draw their sustenance from the soil directly, but must have their nourishment prepared by other organism. But his new-born tenth Muse is no parasite. If she lays her hand on the possessions of her elder sisters, she does because she can transmute them in something different.” (MARCUS, 2007, p. XV).

todas as outras dez. Como curso, com um público numeroso e curioso, foi um experimento estimulante e prazeroso.

Foram as seguintes apresentações, ao longo de dez semanas de atividades, ocorridas nessa ordem, cada Musa estando a cargo de um professor convidado: Érato: Poesia amorosa, Jacyntho L. Brandão (Letras-UFMG); Apolínia: Cinema, Martin M. Winkler (Classics-George Mason University); Tália: Comédia, Tereza Virgínia R. Barbosa (Letras-UFMG), Polímnia: Hinos sagrados, Yiannis Petropoulos (Classics-Democritus University of Thrace); Melpômene: Tragédia, Francisco Marshall (História-UFRGS); Clio: História, Rafael Scopacasa (História-UFMG); Euterpe: Poesia lírica, Sérgio Alcides (Letras-UFMG), Urânia: Astronomia, Renato Las Casas (Física-UFMG); Terpsícore: Dança, Mônica Ribeiro (Belas Artes-UFMG) e Calíope: Poesia épica, Antonio Orlando Lopes (Letras-UFMG).

Das dez Musas, sete estão presentes aqui por meio dos artigos que se publicam, não estando presentes Érato, Terpsícore e Urânia. Há uma justificativa para essa ausência que não é fruto de desconsideração de nenhum dos professores que trataram delas e creio ser oportuno justificar. No caso do professor Jacyntho, embora seja sempre uma alegria ler seus escritos, o fato de ele já ter publicado, entre outros textos esparsos, o inteiro livro *Antiga Musa – Arqueologia da Ficção* (já numa segunda edição, pela Relicário, em 2015), pode satisfazer em parte o desejo dos interessados por suas considerações sobre a Musa da poesia amorosa (e sobre as Musas em geral). Quanto às Musas Terpsícore e Urânia, o fato de os professores que trataram delas trabalharem com a astronomia e a dança no âmbito da ciência e das teorias estéticas contemporâneas, respectivamente, dificultou a publicação de seus textos em uma revista em que as publicações devem ser restritas a temas da antiguidade ou medievo, ou à sua recepção posterior. Se as palestras que eles fizeram foram excelentes, na proposta do curso, para mostrar a distância entre a esfera de atuação dessas Musas na antiguidade e os significados dos conceitos de astronomia e dança hoje, não caberia, infelizmente, aqui, a publicação de tais textos.

Os sete artigos publicados não seguem a ordem cronológica de sua apresentação no curso, mas foram dispostos a partir de uma outra ordem. Nos dois primeiros, de Antonio Orlando e de Iannis Petropoulos, há uma ênfase na análise filológica de termos relativos às Musas Calíope e Polímnia, respectivamente, a partir da poesia hesiódica (a *Teogonia*) e da homérica, mas enquanto Antonio Orlando enfatiza uma abordagem política dos poemas, Iannis os investiga a partir da conexão com o tema da inspiração, nos textos platônicos. Já o terceiro artigo, o de Francisco Marshall, apesar de também tomar Homero e Hesíodo para tratar de Melpômene, ele analisa as propriedades alegóricas e simbólicas dessa Musa nas iconografias antigas e modernas. Entre os três primeiros artigos e os três últimos, temos a análise de Tereza Virgínia R. Barbosa sobre Tália, explorando a irreverência do riso e da alegria, mesmo quando a comédia serve para lidar com o desejo de vingança. Em seguida, Rafael Scopacasa, em uma perspectiva de historiador, faz um panorama de Clio no mundo greco-latino – o que mostra a riqueza do assunto, pois ele permite essa visão geral, que vai de Hesíodo (um ponto de partida para quase todos) a Plutarco. Por fim, Sérgio Alcides e Martin M. Winkler mostram como as suas duas Musas, Euterpe e Apolínia, ainda aparecem no nosso conturbado tempo presente, os seus textos podendo ser vistos, também, como estudos de recepção dessas personagens tão singulares da mitologia grega na cultura contemporânea. Enquanto Sérgio toma a indústria do entretenimento para voltar aos gregos e tratar da educação ligada ao prazer, Martin mostra a presença de diferentes Musas em uma pletera de filmes, realçando sua análise com imagens que não apenas retomam as divindades gregas, mas também transformam as atrizes em novas Musas, ressignificando o próprio termo.

Antes de concluir esta breve apresentação, gostaria de agradecer e registrar os nomes dos que ajudaram na realização do curso e desta publicação. Agradeço: aos monitores da UFMG, especialmente Arthur Villela, Diogo Andrade e Adilson Quevedo; ao Celso Vieira, pela primeira revisão e normatização dos artigos recebidos; ao Teodoro Rennó Assunção, editor-chefe da *Nuntius Antiquus*, por eventuais segundas revisões e pela inestimável ajuda, apoio e paciência com a publicação

desse dossiê, bem como às secretárias da sessão de periódicos da FALE, e à revista *Nuntius Antiquus*, que tem acolhido com tanta boa vontade as propostas de organização de dossiês, por editoras convidadas, como eu, com ênfase em trabalhos no campo dos estudos de recepção. Agradeço, também, a todos funcionários do Museu Mineiro, na pessoa da superintendente de Museus e Artes Visuais, Andréa de Magalhães Matos, pelo apoio na realização do curso; aos palestrantes, pela presença e, posteriormente, pelo envio de seus artigos. Por fim, ao numeroso público que esteve presente ao longo do curso, com suas perguntas e curiosidade sempre desafiadoras e estimulantes, e aos leitores desse dossiê, desejando que eles, aproveitando-se das análises e interpretações expostas aqui, possam sentir-se estimulados a estudar mais as velhas Musas, seja como figuras míticas individualizadas, seja como personificações ou alegorias das artes, todas elas filhas da memória, memória que estes textos também têm a finalidade de ajudar a preservar, principalmente nesses tempos tão tenebrosos, em que o obívio nos assombra ameaçadoramente. Boa leitura!